



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS (PORTUGUÊS)**

**ELIANE DA SILVA AZEVEDO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA:  
REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E LIMITES**

**GUARABIRA  
2019**

**ELIANE DA SILVA AZEVEDO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO III DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA:  
REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E LIMITES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994e Azevedo, Eliane da Silva.  
O estágio supervisionado III de língua portuguesa na EJA [manuscrito] : reflexões, possibilidades e limites / Eliane da Silva Azevedo. - 2019.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva, Departamento de Educação - CH."  
1. Estágio Supervisionado. 2. Formação Docente. 3. Língua Portuguesa. 4. Educação de Jovens e Adultos. I. Título  
21. ed. CDD 372.890

**ELIANE DA SILVA AZEVEDO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA:  
REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E LIMITES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras com habilitação Português.

**Área de concentração:** Linguagem e ensino.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Verônica Pessoa da Silva.

Aprovado em: 20 / 11 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

*Verônica Pessoa da Silva*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Verônica Pessoa da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

*Antônio Flávio Ferreira de Oliveira*

Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DL)

*Francisco das Chagas Galvão de Lima*

Prof. Dr. Francisco das Chagas Galvão de Lima (Examinador)  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PPGE)

Ao meu pai, Euclimar, que sempre me incentivou e acreditou que os estudos seriam o melhor caminho para mim, aos meus irmãos por todo apoio e carinho recebidos nessa minha caminhada, **DEDICO**.

Esta vem sendo uma preocupação que me tem tomado todo, sempre – a de me entregar a uma prática educativa e a uma reflexão pedagógica, fundadas, ambas, no sonho por um mundo menos malvado, menos autoritário, mais democrático mais humano

(Paulo Freire)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>Reflexões sobre a contribuição do discente.....</b>	<b>09</b>
<b>2.1</b>	<b>A educação de jovens e adultos: limites e desafios.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Reflexões sobre o estágio como espaço de formação do professor na EJA.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>O ensino de língua portuguesa no estágio supervisionado: reflexões sobre a EJA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Sobre a oralidade e a escrita.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>Caracterização das turmas e das aulas regidas.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA: REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E LIMITES

## LA PASANTÍA SUPERVISADA DE LENGUA PORTUGUESA EN EJA: REFLEXIONES, POSIBILIDADES Y LÍMITES

Eliane da Silva Azevedo<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de relatório do Estágio Supervisionado III, em Língua Portuguesa, tomando como referência a vivência desenvolvida na “Escola Estadual Antônio Bem Vindo”, nas salas de aula da EJA, nas turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio e do relatório de Estágio, elaborado para fins de avaliação do referido componente. Teve como objetivo refletir sobre as possibilidades e limites acerca do ensino de Língua Portuguesa nesta modalidade de ensino. O estudo estruturou-se nos moldes de pesquisa de abordagem qualitativa. Para tanto, fizemos uso enquanto aporte teórico documental e bibliográfico dos escritores: Almeida (2014), Pimenta (2006; 2014), Bagno (2007), Buriolla (2011), Durante (1998), Gadotti (2011), Marcuschi (1997, 2010), Nascimento (2013), Ribeiro (2014), e Toledo (1978). Os resultados evidenciam a importância do ensino de Língua Portuguesa nas salas de aulas da EJA, a partir da experiência do estágio supervisionado, e mostram que mesmo tendo acontecido inúmeros avanços, ainda há uma necessidade de se aprofundar a compreensão do ensino de língua portuguesa nas escolas.

**Palavras-Chave:** Estágio Supervisionado. Formação Docente. EJA. Língua Portuguesa.

### RESUMEN

Este estudio presenta un análisis del informe de la pasantía supervisada III, en la lengua portuguesa, tomando como referencia la experiencia desarrollada en la Escuela Estatal Antônio Bem Vindo, en las aulas de EJA, en las clases de primer y segundo año de la enseñanza secundaria y en el informe de pasantía, preparado para la evaluación de este componente. Su objetivo es reflexionar sobre las posibilidades y los límites con respecto a la enseñanza de la lengua portuguesa en este tipo de enseñanza. El estudio fue estructurado de acuerdo con el enfoque de investigación cualitativa. Para ello, utilizamos el apoyo teórico y documental de los escritores: Almeida (2014), Pimenta (2006; 2014), Bagno (2007), Buriolla (2011), Durante (1998), Gadotti (2011), Marcuschi (1997, 2010), Nascimento (2013), Ribeiro (2014), y Toledo (1978). Los resultados muestran la importancia de enseñar el idioma portugués en las aulas de EJA, según la experiencia de una pasantía supervisada, y demuestran que, a pesar del gran número de avances, todavía, es necesario profundizar la comprensión de la enseñanza del portugués en las escuelas.

**Palabras clave:** Pasantía supervisada. Formación docente. EJA. Lengua portuguesa.

---

<sup>1</sup>\*Graduanda em Letras/Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Professora Dra. Verônica Pessoa da Silva. E-mail: [eliane.gba@outlook.com](mailto:eliane.gba@outlook.com)



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar a experiência desenvolvida durante o Estágio Supervisionado III vivenciada no Curso de Letras, na área de Língua Portuguesa. A partir destas reflexões acerca da importância do estágio, assumo como categorias de análises, além do próprio Estágio Supervisionado, a Educação de Jovens e Adultos (modalidade onde foi realizado o estágio) e a formação docente.

O estágio supervisionado é dividido em três etapas: a primeira é de observação; a segunda e a terceira etapa são a de regência.

Nessas duas últimas etapas os alunos podem colocar em prática toda teoria que estudada na universidade e, também, este se constitui em um momento de vivenciar o dia a dia do professor, conhecer os limites que este enfrenta na hora do ensino e da aprendizagem dos seus alunos. É, através do estágio, que se torna possível conhecer a realidade de sala de aula, ou seja, a realidade da nossa futura profissão. Este é, ainda, um momento único de construção da nossa identidade docente.

Para atingir ao objetivo a que nos propomos, assumimos as diretrizes da pesquisa bibliográfica e documental. Para tanto, utilizamos os aportes teóricos documental e bibliográfico dos escritores de: Almeida (2014), Pimenta (2006; 2014), Bagno (2007), Buriolla (2011), Durante (1998), Gadotti (2011), Marcuschi (1997, 2010), Nascimento (2013), Ribeiro (2014), e Toledo (1978), de caráter qualitativo, refletindo sobre o papel do professor na construção do saber, pois é através do estágio que percebemos a singularidade de cada aluno e compreendemos que o professor não deve tratar os alunos da mesma forma. Dessa maneira, a pesquisa de caráter qualitativo ocupa-se com a realidade com as dinâmicas sociais que por sua natureza e especificidade não podem ser quantificadas. Para Minayo (2011, p. 32):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...].

Neste sentido, estruturamos este artigo em três partes. A primeira parte, faremos uma breve reflexão sobre a importância do Estágio Supervisionado na formação docente. No segundo, abordamos uma discussão sobre o ensino na EJA, enquanto modalidade da educação básica e direito de cidadania. No terceiro, refletimos sobre o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos, retratando a experiência do Estágio Supervisionado, desenvolvido na Escola E.E.E.F. e Médio Prof. Antônio Bem-vindo, localizada em Guarabira.

Por fim, extraímos as lições deste processo educativo que é tão importante para o processo de identidade profissional do aluno estagiário.

## 2 REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO DISCENTE

O Componente Estágio Supervisionado tem como objetivo promover a vivência na prática pedagógica, no contexto da sala de aula, construindo um perfil docente e buscando superar as dificuldades e os limites para atuar no campo de sua formação.

O Estágio Supervisionado da Licenciatura é um Componente Curricular obrigatório nos Cursos de Formação de Docente da Educação Básica, que objetiva integração do conhecimento teórico a prática profissional, e deve acontecer, preferencialmente, nas unidades escolares das redes públicas oficiais (UEPB, 2015, p. 20).

No curso de Letras, Campus III da UEPB, o Estágio Supervisionado está dividido em três etapas sendo o primeiro de observação, no qual o aluno é direcionado a uma escola-campo, para observar as aulas do professor de Português e suas metodologias de ensino e a segunda e terceira etapas nas quais o aluno-estagiário passa a reger as aulas de Língua Portuguesa na escola campo para a qual foi direcionado.

Além desta perspectiva, o Estágio Supervisionado é compreendido, por vários autores que estudam esse tema:

O estágio é o *locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve-se ser planejada gradativa e sistematicamente (BURIOLLA, 2011, p. 13).

O Estágio Supervisionado, nesse sentido, é uma das etapas do ensino superior que contribui para a compreensão de que esta experiência aprimora a atuação no campo profissional, alicerçando as bases crítico-propositivas para um exercício pautado na competência técnica e no compromisso político.

Referendando estas questões, Buriolla (2011, p. 17), assegura que:

Contudo, o estágio configurado como tal – como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, com qualidade e aprendizagem e com situação efetiva de treinamento profissional - apresenta-se, hoje salvo algumas exceções, com muitas dificuldades de se operacionalizar sob esta concepção.

Sendo assim cabe aos alunos ocupar este espaço de forma reflexiva e construtiva, no nosso processo de formação, aproveitando da melhor forma possível o momento de atuação em sala de aula, quer seja observando ou mesmo desenvolvendo atividades didático-pedagógicas, com vistas à construção de nossa identidade profissional.

Partindo destas ideias, para Toledo (1987, p. 22):

O estágio, para mim, hoje, é um emprego! Não tem outra palavra, porque dificilmente hoje se coloca o aluno numa instituição, onde se

concebe o aluno como estagiário. A gente pode dizer: 'Bom, mas é um estagiário!' O aluno tem que entender que isso é um emprego e que está em jogo uma série de coisas [...]. Eu incluiria, então, o estágio no mundo do trabalho. E dessa forma, ele já está aprendendo. Está aprendendo para ser profissional. Estágio pode ser do lado de quem está supervisionando, mas eu preferia dizer um 'aquecimento'. Para mim é mais um aquecimento do papel profissional, onde você está aprendendo este papel na prática e está trabalhando já; seja remunerado ou não – é um trabalho [...].

Assim, analisando o verdadeiro papel do estagiário em sala de aula, entenderemos que estamos exercendo o papel de professor, então, nos damos conta que estamos, sim, trabalhando, por seremos alunos de graduação por estarmos naquele momento em contato com a realidade de nossa futura profissão, realizando a transposição didática de tudo aquilo que nos foi ensinado na universidade.

A esse respeito, Marques (2013) apud Buriolla (2011, p. 26), em diversos momentos de sua entrevista, apresenta reflexões sobre o estágio:

O estágio é uma questão de você ter um espaço para executar uma atividade profissional. Mas que seja uma experiência controlada e apoiada! Que não seja só a execução de uma tarefa: que exista essa supervisão.[...] Que seja uma experiência onde você tem a oportunidade de refletir em cima do que você está fazendo [...] de ter oportunidade de aprofundar teoricamente o que você está fazendo na prática [...] não é qualquer trabalho numa obra social que você pode dar para o estagiário fazer. [...] Acho que você tem a responsabilidade muito séria de oferecer a experiência da prática e uma experiência válida [...] de oferecer uma experiência de estágio, onde o aluno vá realmente poder usar a teoria que ele aprendeu na Faculdade.

Seguindo os pensamentos de Marques (2013) apud Buriolla (2011, p. 26), as instituições de ensino devem apoiar essas experiências de estágios, dando a oportunidade de estes vivenciarem a realidade de seu cotidiano, fazendo com que o aluno-estagiário possa executar seu trabalho com responsabilidade e respeito, tornando prazerosa sua ida àquela escola, para que ele se sinta acolhido por todos que fazem parte daquela instituição.

## **2.1 A Educação de Jovens e Adultos: limites e desafios**

Tendo em vista que a regência do Estágio Supervisionado III foi realizada em turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), torna-se necessário contextualizar sobre essa modalidade de ensino.

A EJA teve início no Brasil com a colonização dos jesuítas ao país, sendo praticada com fins religiosos; as práticas catequizadoras e instrucionais eram empregadas em adultos e jovens. Nesse sentido GIRALDELL *apud* NASCIMENTO, diz que:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular é mais ou menos institucional de tal época teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil -1808 (GHIRALDELLI JR. 2008 *apud* NASCIMENTO, 2013, p.17).

Porém, o modelo de educação desenvolvido pelos jesuítas, estava voltada para o adulto e tinha como finalidade a doutrinação religiosa, neste período a educação não era um dever do estado.

Ao longo do tempo outros modelos de alfabetização dos adultos foram surgindo, temos como exemplo o MOBRAL, este projeto foi criado no período do regime militar e tinha como objetivo a tentativa de erradicar o analfabetismo no Brasil.

De acordo com Guedes (2017, P.13)

O MOBRAL foi criado e mantido pelo regime militar a sua preocupação era que os alunos aprendessem a ler e a escrever, sem levar em consideração a busca pelo conhecimento, pelo senso crítico do ser humano. Ou seja, bastava aprender a ler, escrever e contar, e o indivíduo já estava apto a melhorar de vida. Não era uma educação que estimulava o pensamento do sujeito social, mas uma educação como investimento e qualificação de mão-de-obra para o desenvolvimento econômico.

Desse modo fica claro que neste período a Educação dos Jovens e Adultos ainda continuava voltada para formar trabalhadores, e não se preocupava com o desenvolvimento do conhecimento desses cidadãos.

Nos anos seguintes a Educação dos Jovens e Adultos, passou por ou outras alterações, novos programas educacionais foram surgindo para substituir o MOBRAL. Ainda de acordo com Guedes (2017, p.13):

A LDB alterou o currículo na educação do ensino básico; retirou a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira na escola básica em todo o ensino médio, deixando a cargo do estado a opção pela sua inclusão nos currículos do ensino fundamental, representando um retrocesso para o desenvolvimento do ensino de LE no Brasil. A LDB 5692/71, reconhecia a educação de adultos como direito de cidadania. Nesta lei foi dedicado um capítulo específico para a EJA; e, em 1974, o MEC implantou o Centro de Estudos Supletivo – CES, um ensino tecnicista e autoinstrucional, que dava oportunidade de uma certificação rápida, porém, completamente superficial, sem compromisso com a formação do cidadão, apenas com a transmissão de conteúdo e realização de atividades do currículo.

Nos anos 80, foram desenvolvidos pesquisas e projetos relacionados à área de alfabetização dos jovens e adultos. Em 1985 o MOBRAL extinto e surgiu, em seu lugar a fundação EDUCAR, instituída pelo Decreto nº 91.980, de 25 de novembro de 1985, nos termos do artigo

4º da Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, que tinha como objetivo promover programas de alfabetização e de educação básica a todas as pessoas que não tiveram acesso à escola ou não puderam concluir os estudos no tempo devido. Em 1988 a Constituição amplia seu dever com a educação de jovens e adultos, garantindo o Ensino Fundamental gratuito e obrigatório para todos, inclusive para os que não tiveram acesso a ela na idade devida. A partir dos anos 90, os objetivos da educação no vão sendo revistos. A denominação do Ensino Supletivo foi substituída por EJA.

Desse modo percebemos que a educação dos jovens e adultos passou por muitas transformações ao longo de tempo, que cada projeto elaborado tinha como objetivo garantir o direito ao acesso à educação desses indivíduos, dando-lhes a oportunidade de concluir seus estudos.

O Plano Nacional de Educação que abrange a EJA foi pensado para suprir a necessidade de jovens e adultos que não tiveram acesso na idade própria ou que não concluíram o ensino nas salas de aula regular. Já a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9.394 de 1996, no artigo 37, garante o acesso aos jovens e adultos que não tiveram a oportunidade à educação na sua faixa etária.

Portanto, o papel do educador não é só de fazer com que esses alunos terminem o segundo grau, mais sim o de estimulá-los para que eles possam ter a oportunidade continuar seus estudos, e assim se tornarem pessoas com capacidade crítica perante a sociedade.

No entanto, para que isso aconteça, a metodologia de ensino deve ser realizada de forma satisfatória, onde o saber do aluno possa fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, pois como já sabemos o aluno da EJA, traz uma bagagem de conhecimento que precisa ser aproveitada pelo professor. De acordo com Souza e Cunha (2010) *apud* Ribeiro (2014), esses alunos são:

Indivíduos que se conversam no mundo do trabalho, com compromissos sociais e obrigações com as famílias, com apreço a princípios já formados de moralidade, a partir dos experimentos, do meio social e da vivência cultural em que estão incluídos, influenciando o próprio processo educacional (SOUZA; CUNHA, 2010 *apud* RIBEIRO, 2014, p.10).

Para a autora, um dos problemas que existe na Educação de Jovens e Adultos são as diferenças sociais, que, por muitas vezes, são levadas em consideração por parte dos professores, e, assim, tornando difícil o processo de aprendizagem.

Concebendo os adultos pouco escolarizados como indivíduos ativos e cognoscentes, em interação com o mundo letrado ao seu redor criando recursos diversos de interação, para lidar as representações da língua, torna-se realmente impossível considerá-los analfabetos [...] (DURANTE, 1998, p. 28).

Seguindo os pensamentos de DURANTE (1998, p.32), todo adulto não alfabetizado possui o conhecimento da nossa língua, pois estes vivem em constante convívio com pessoas que dominam a língua escrita.

[...] adultos não alfabetizados ou poucos escolarizados possuem conhecimento da escrita, mesmo sem passar pelo processo normal de escolarização, e se não é a aprendizagem da escrita em si que desenvolve o intelecto, mas o seu uso nas suas multiplicidades de funções, então a educação de adultos deve-se pautar na diversidade básica de ensino (DURANTE, 1998)

De acordo com a autora referida acima, todos os adultos mesmo não sendo alfabetizada, tem o conhecimento da nossa língua escrita, mesmo não dominando a leitura, pois há a possibilidade desses alunos ser alfabetizados mesmo não sendo letrados.

Além disso, o PARECER CNE/CEB 11/2000 diz que:

Nessa ordem de raciocínio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (BRASIL, 2000).

Então, quando pensamos na educação de jovens e adultos estamos falando, na possibilidade de colocarmos esses alunos que são por muitas vezes considerados analfabetos na mesma igualdade com os alunos alfabetizados.

Com isso, fica evidente que a EJA é uma modalidade de Ensino Fundamental para incluir esses jovens e adultos nas escolas dando a eles a oportunidade de concluírem seus estudos, já que um dia este direito lhe foi negado, fazendo com que estes alunos sintam que fazem parte de uma sociedade pensante.

De acordo com Freire (1975, p.21):

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadores e educadoras pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares [...].

Neste sentido esses alunos devem ser reconhecidos como sujeitos de direitos não podemos continuar negando o direito a educação que um dia lhe foi negada, devemos criar mecanismo para tornamos este momento de aprendizado mais aberto. Ainda de acordo com Freire (1975, p. 23):

A dimensão global da Educação Popular contribui ainda para que a compreensão geral do ser humano em torno de si como um ser social seja menos monolítica e mais pluralista, seja menos unidirecionada e mais aberta à discussão democrática de pressuposições básicas da existência.

O aluno da EJA traz consigo uma bagagem de conhecimento de mundo e cabe, a nós, educadores, usarmos este saber prévio no momento do ensino e aprendizado, levando para nossas aulas assuntos que façam parte do cotidiano desses alunos.

Para Gadotti (2011, p.35):

A **educação popular**, como uma concepção geral da educação de via de regra, se opõe à educação de adultos impulsionada pela educação estatal e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando esse senso comum, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário.

Portanto, nós educadores, devemos entender que esses alunos precisam encontrar um ambiente escolar que valorize suas necessidades e limites e com a visão de mundo que estes alunos possuem, não podemos impor apenas a visão de mundo do professor.

Ainda sobre a Educação de Jovens e Adultos Gadotti (2011, p. 38), nos leva a refletir sobre a importância que tem a educação para esses alunos, quais são os motivos que os levam a retornarem a sala de aula, quem são esses alunos?

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego e etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e do adulto. Falo de 'jovens e adultos' me referindo à 'educação de adulto', porque, na minha experiência concreta, notei que aqueles que frequentam os programas de educação de adultos são majoritariamente os jovens trabalhadores.

Devemos desenvolver métodos de ensino que estejam dentro do contexto social do aluno, para que eles possam compreender e refletir sobre os diversos assuntos expostos pelos professores, pois a qualidade do ensino não pode ser medida, apenas, pelo que é ensinado, mas, também pelo ponto de vista de cada aluno. Nesse contexto Gadotti (2011, p. 39), afirma que:

Não se pode medir a qualidade da educação de adultos pelos palmos de saber sistematizado que foram assimilados pelos alunos. Ela deve ser medida pela possibilidade que os dominados tiveram de manifestar seu ponto de vista e pela solidariedade que tiver criado entre eles.

Em relação ao modo como o professor avalia a qualidade do aprendizado desses alunos da EJA aprendem, esta não pode ser feita unicamente por aquilo que eles assimilam da gramática, mas por sua capacidade de refletir acerca do ensino de Língua Portuguesa.

A LDB (Lei Nº 9.394/1996) Lei de Diretrizes e Base da Educação garante o acesso à educação dos jovens e adultos, que não tiveram a oportunidade de frequentarem a escola nos anos regular e, a partir disso, estes alunos buscam na EJA uma oportunidade de prosseguir com seus processos de aprendizagem.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exame (BRASIL 9.394/96 Art. 37; inciso §1º).

Conforme a LDB, os alunos da EJA, têm por direito a educação mesmo que tardiamente e estes jovens e adultos trazem consigo uma realidade social que deve ser levada em consideração pelos educadores, pois para estes alunos não basta apenas frequentar a escolas, eles merecem encontrar um espaço de reprodução cultural onde ele possa adquirir mais conhecimento e experiências.

## **2.2 Reflexões sobre o estágio como espaço de formação do professor na EJA**

Para se trabalhar com alunos da EJA é preciso que o professor esteja preparado para entender o que esta modalidade de ensino exige do docente, sobretudo se tem um conhecimento das necessidades que estes alunos precisam, respeitando, assim, a realidade de cada um.

Nesse sentido, muitos dos alunos estagiários que estudam no turno da noite têm que realizar seus estágios nas salas de aulas destinadas à EJA e, com isso, precisam desenvolver um trabalho de ensino e aprendizagem que considere o perfil desses sujeitos. De acordo com (ALMEIDA; PIMENTA, 2014, p. 42):

[...] Conciliar trabalho e estudo é um desafio da classe trabalhadora, principalmente em tempos de estágios, em que os problemas como deslocamento, enfrentamento da sala de aula e das novas exigências pesam no cotidiano das suas vidas. Muitos deles precisam desenvolver suas práticas pedagógicas em salas de aulas



destinadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, desse prisma, partiremos da compreensão de que componente curricular representa a articulação entre teoria e a prática na busca da práxis e na aprendizagem da profissão docente. Indagamos: com que saberes e conhecimentos o pedagogo desenvolve seu trabalho nas salas de EJA? Quais as bases que sustentam a ação dos estagiários no decorrer de suas práticas?

O estágio traz para o aluno a experiência do exercício da sua futura profissão, se constituindo em uma rica oportunidade de vivenciar momentos que contribuirão para a formação de sua identidade docente. A esse respeito, Pimenta (2006, p.183), argumenta que:

O estágio é um dos componentes do currículo do curso de formação de professores. Currículo que é profissionalizante, isto é, prepara para o exercício de uma profissão. Essa preparação é uma atividade teórica, ou seja, uma atividade cognoscitiva (reconhecer) e teleológica (estabelecer finalidades; antecipar idealmente uma realidade que ainda não existe e que se quer que exista).

Além disso, o estágio deve proporcionar ao estudante de graduação um momento de reflexão nos estagiários. Não é possível aprender e nem colocar em prática a teoria aprendida na universidade, que não é resignificada na prática de sala de aula. A partir das lentes dessa prática, devemos enxergar perspectivas diferentes refletindo sobre a importância desse componente curricular tem a nos oferecer para a nossa formação.

Por isso, Almeida, Pimenta (2014, p. 46), também, elucidam que:

A ação reflexiva realizada no estágio curricular supervisionado precisa ultrapassar a racionalidade técnica na hora da prática ou de aprender a passar a matéria. Precisa ultrapassar a ideia de ver o fazer docente na perspectiva de simples aplicação de métodos e técnicas previamente formulados. Dessa forma, passa a perceber a categoria profissional como um todo, desde a sala de aula, passando pela instituição e organização escolar, até a posição do professor na sociedade e o sentido que dá à sua profissão.

O estágio é sempre um desafio para nós alunos estagiários que, por muitas vezes, trabalham durante o dia e então só podem realizar seus estágios no período noturno. Por esses motivos, são direcionados às salas de aula da EJA, e este é um lugar de muitos desafios, visto que esses alunos estagiários enfrentarão realidades diferentes daquelas vivenciadas com alunos de faixa etária regular. São alunos de faixa etária mais avançada, alguns que não dominam bem a leitura, entre outros problemas. Por isso é importante que além de estagiário, sejamos pesquisadores.

Assim, conforme os pensamentos de Almeida e Pimenta (2014, p. 48):

Assim, os estagiários vão tendo a oportunidade de aprender a profissão docente e de encontrar elementos de construção da sua

identidade na interação e intervenção que lhes confiaram maior reconhecimento de sua presença naquele espaço, e dessa maneira, realizam as articulações pedagógicas possíveis que os tornem sempre estagiários de novas experiências. Enfim, o delineamento do percurso construiu uma etapa importante para a formação dos futuros professores, pois é aqui que acontecem as atividades de uma pesquisa diagnóstica, a partir da compreensão de que é preciso avaliar para planejar. É nesse espaço/tempo que os estagiários poderão vivenciar atividades de estágio que se inter cruzam e se complementam [...].

Segundo as autoras acima referendadas, o estagiário também precisa conhecer um pouco sobre a escola campo em que ele atuará, pois isso irá ajudá-lo na construção de seu conhecimento profissional. Ainda, nessa direção, explicitam que:

Ao adentrar no espaço da escola para aprender a dinâmica de seu funcionamento, nos propomos a realizar um movimento de reconstituição das lógicas que organizam o trabalho desenvolvido neste espaço, sem deixar de relacioná-las à história da instituição e seus sujeitos. A atividade de investigação do chão da escola pode ser entendida como possibilidade de construção de saberes e da própria identidade profissional do educador de jovens e adultos, sustentadas na práxis docente (ALMEIDA; PIMENTA, 2014, p.59).

De acordo com as autoras, é preciso que o aluno estagiário ao ser inserido na escola para a realização do seu estágio, se faz necessário que eles conheçam sobre a instituição que irá lhe receber, pois dessa maneira ele terá diversas possibilidades de construir sua identidade profissional.

### **3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES SOBRE A EJA**

No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas, ela é confundida muitas vezes como simplesmente com o ensino de gramática e isto ocorre porque as instituições educacionais coloca esse modelo de ensino-aprendizagem de forma mecânica voltada apenas para o ensino tradicional da língua, porém é preciso que o professor busque novas metodologias de ensino, fazendo com que seus alunos possam refletir acerca da língua portuguesa dentro de um contexto de uso.

Portanto, é através do ensino de Língua Portuguesa, que a escola tem a função de colocar seus alunos em contato com diversos gêneros textuais, tais como, carta receita culinária notícias de jornais, textos que estejam presentes no seu dia a dia e com isso, formando alunos que são capazes de refletir o uso de sua língua através de leitura.

A seleção de textos para leitura ou escuta oferece modelos para o aluno construir representações cada vez mais sofisticadas sobre o

funcionamento da linguagem (modos de garantir a continuidade temática nos diferentes gêneros, operadores específicos para estabelecer a progressão lógica), articulando-se à prática de produção de textos e à de análise lingüística (BRASIL, 1998, p.36)

De acordo os PCNS (BRASIL, 1998), é preciso que o professor explore textos significativos, que façam parte da vida dos alunos, e que façam sentidos para ele, porque é através desses textos que o professor poderá inserir os estudos da língua portuguesa, e assim levando ao aluno a compreender a função da leitura e escrita.

Além disso, os PCNS, 1998, afirma que:

[...] o domínio da expressão oral em situação de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto [...] e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (BRASIL, 1998, p. 49).

A partir disso, podemos perceber que o ensino de língua portuguesa de ser feito a partir da oralidade, leitura, produção textual e conhecimento linguístico. Em relação ao conhecimento linguístico, este se apresenta como um desafio nas salas de aula, isso porque existe uma grande discussão que envolve o ensino da gramática na escola e a forma de ensiná-la.

### **3.1 Sobre a oralidade e a escrita.**

A oralidade e a escrita são duas modalidades da nossa língua e que ambas tem um peso de igualdade e cada uma delas possui sua particularidade, porém a falta de conhecimento faz com que muitos alunos acreditem que a única forma de fala “correta” e aquela que se aproxima da norma-padrão da nossa língua. Segundo Marcuschi (1997, p.121) “[...] seria interessante que a escola soubesse algo sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e malcabilidade. Servindo até de orientação na seleção de textos e definições de níveis de linguagem a trabalhar.”

De acordo com Marcuschi (199, p.122):

Retornemos, por um momento a algumas questões relativas a alfabetização, pois será importante constatar que a escrita, após se tornar um fenômeno de massa e desejável a todos os seres humanos, passou a receber um status bastante singular no contexto das atividades cognitivas de um modo geral. Para muitos, o seu domínio se tornou um passaporte para a civilização e para o conhecimento [...].

Por esse motivo que muitos alunos desde seus primeiros anos de vida escolar são cobrados o uso da escrita formal, com isso muitos professores acabam deixando de lado textos que se aproximem da nossa fala.

A oralidade tem relação com o nosso meio social, pois dependendo da interação social que estamos modificaremos nossa linguagem a ser utilizada, portanto a oralidade é socialização de uma comunidade falante. Como podemos ver em Marcuschi (2010, p. 25) diz que:

A oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde a realização mais informal a mais formal nos mais variados contexto de uso.

Desse modo, a oralidade nos permite que usemos a nossa fala de acordo com o ambiente em que estamos inseridos, mas também é necessário que o falante organize sua fala para que o ouvinte possa compreender o que foi dito.

Mas o que é mesmo variação linguística?, Bagno (2007) nos mostra que a língua e sociedade estão entrelaçadas por isso fica impossível estudar a variação sem que estudemos o comportamento de uma sociedade e que só quem sabe falar bem é que domina a forma padrão, já sabemos que a língua varia conforme a necessidade de comunicação de cada falante e que para sermos compreendidos se faz necessário que façamos arranjos em nossa fala. Para Bagno a variação não deve ser tratada como um problema, devemos entender que a língua está sempre mudando, e que a variação é um fenômeno inerente de toda língua.

[...] Podemos começar respondendo que o problema está em achar que a variação linguística é um “problema” que pode ser “solucionado”. O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (BAGNO, p. 37).

Sabemos que no Brasil há uma grande variedade de utilização da nossa língua, e com isso surgiu um grande dilema como ensinar língua portuguesa, devemos apenas seguir a gramática normativa ou devemos levar em consideração o conhecimento que nossos alunos têm sobre nossa língua e utilizá-la no momento do ensino e aprendizagem, isto acaba sendo um grande questionamento de muitos professores, pois como sabemos a língua é viva, e ela está sempre em processo de transformação.

#### **4. Caracterização das turmas e das aulas regidas**

Como já mencionado acima inicialmente, o trabalho que estamos realizando é uma análise do Estágio Supervisionado III, nosso estágio foi realizado na Escola “Estadual Antônio Bem Vindo”, que está localizada no Bairro Novo na cidade de Guarabira, no período noturno fomos recebidos pela professora de Língua Portuguesa Maria de Lourdes Claudino de Freitas, o primeiro encontro com a professora definimos quantas aulas ela iria me disponibilizar para que eu pudesse estagiar. As aulas de português ocorrem durante três dias da semana, com duração

de 30 minutos. Estaguei nas salas do Ciclo V que corresponde ao 1º e 2º ano do Ensino Médio, a quantidade de alunos que frequenta as aulas varia entre 15 à 23 alunos e a faixa etária varia entre 19 à 60 anos.

Então, realizamos nossas aulas nos dias 26 de março e 23 de abril. Em relação ao conteúdo ministrado nesses dias foram: oralidade e escrita, assunto escolhido pela professora da escola campo, vale ressaltar que a professora nos orientou que não nos aprofundássemos no assunto, pois devido à idade avançada de alguns dos alunos, esses teriam dificuldade em entender. Porém, nós não concordamos muito com essa colocação da professora, porque pelo que pudemos observar nos dias em que realizamos nossas aulas esses alunos conseguem compreender o assunto que está sendo explicado para eles, alguns até participam da aula dando suas opiniões e fazendo questionamentos em relação ao conteúdo ensinado.

A primeira aula realizada foi no dia 26 de março, inicialmente nos apresentamos à turma e explicamos para eles o motivo pelo qual estávamos lá para a realização do estágio supervisionado, nessa noite o conteúdo que trabalhamos foi a oralidade e escrita. Infelizmente a escola não disponibilizou um livro didático para que pudéssemos usar, então entreguei para eles um roteiro de todo conteúdo que iria ser trabalhado com eles.

Iniciamos lendo o cordel A CARTA que é um trecho do cordel 'Confissão de Cabôco' do autor Zé da Luz, a partir dessa leitura fui explicando os conceitos da oralidade e da escrita, e sempre deixando claro que essas são duas modalidades linguísticas distintas da nossa língua e cada uma com suas especificidades e uso, fui mostrando as características de cada, e sempre tendo a interação com os alunos, e sempre deixando claro que o erro não está na fala, mas sim na escrita, para com isso quebramos o preconceito de que existem pessoas que falam errado. Em seguida fui mostrando para eles o porquê do cordel ser escrito daquela maneira, explicando que aquela era uma das características do cordel que é a escrita próxima a fala de seus repentistas.

Na segunda aula, o conteúdo ministrado foi variedade linguística fizemos recortes do livro Nossa Língua, do tema variedades presentes em nossa língua, quando estava explicando o assunto um aluno me fez a seguinte pergunta, 'professora e por isso que os mineiros nunca dizem os nomes das coisas, eles sempre falam me dá um trem desse aí? Então, explicamos para ele que isso era a marca linguística daquela região, e que cada estado do nosso país possui a sua marca linguística que chamamos de sotaque, fiquei muito feliz pois os alunos foram falando o que conheciam das palavras que uma determinada região usava e como ela era utilizada no nordeste, assim pudemos observar que os alunos da EJA trazem consigo uma bagagem de conhecimentos que precisa ser utilizada pelo professor, em seguida entregamos um exercício para eles com os assuntos que foram estudados naquelas noites.

Nossa última aula foi no dia 23/04/2019, nessa noite foi realizada uma oficina em conjunto com os demais colegas estagiários. Nossa oficina foi baseada nos conteúdos de nossas aulas, então levamos para eles a proposta de produzirmos um cordel e sua capa, inicialmente explicamos o que era xilogravura, entregamos a eles partes de um cordel e pedimos para que eles escrevessem um desfecho diferente e seus cordéis, e que os mesmos desenhassem no isopor um desenho que representasse o final do seu cordel.

## 5 CONCLUSÃO

O estágio é um período em que podemos aplicar aspectos teóricos aprendidos durante o curso da graduação em Letras, para vivenciá-los na prática de sala de aula. Neste momento, temos que assumir uma postura crítica, não da escola em que vamos realizar nossas aulas, mas sim da nossa prática educativa diante de nossa realidade e de que professor(a) iremos ser. Essa experiência na EJA trouxe um verdadeiro aprendizado para mim, pois o professor é um dos grandes formadores de cidadãos, então é precisamos lutar para melhorar a situação de ensino em nosso país. Pudemos observar que a Educação dos Jovens e Adultos é um campo de práticas reflexivas, é importante que o professor possa desenvolver nesses alunos a capacidade que eles têm para desenvolver a utilização da língua oral e escrita e suas diversas variedades adequando nas diversas situações exigidas por nossa sociedade.

Então, cabe ao professor utilizar metodologias de ensino que esteja de acordo com a realidade de seus alunos, incentivando e respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno com carinho e atenção, criando condições para que esses alunos possam desenvolver competência na leitura e na escrita.

Evidenciamos que precisamos de um aprofundamento na formação docente voltada para a EJA nos cursos de licenciatura principalmente no curso de letra, e também que haja um material didático adequado para essa modalidade de ensino.

É importante ressaltar que muitos alunos estão inseridos nessa modalidade de ensino para conseguirem um modo mais rápido de concluir seus estudos e, também, poder crescer no seu ambiente de trabalho e ascenderem socialmente.

Ao pensar na educação de jovens e adultos, enquanto docente precisamos compreender que o papel do professor e o de mediador de conhecimentos, com isso vale lembrar que devemos analisar erros e acertos buscando facilitar esse processo de ensino-aprendizagem desses alunos. Com isso, fica claro que o processo de construção da identidade do professor da EJA estar baseada dentro do contexto de suas práticas educativas, e também dentro das necessidades de seus alunos.

Vale lembrar que a relação entre aluno e professor é muito importante para o convívio na sala de aula e na construção do saber de ambos, o professor de ser sempre incentivar seus alunos ao gosto pelo estudo.

O Estágio Supervisionado nos trouxe respostas, de que é necessário o convívio com pessoas experientes, com os alunos e também com a realidade da escola.

Por fim, ressalto a importância do estágio na formação docente, pois é através dele que nos alunos estagiários podemos vivenciar os desafios da nossa futura profissão e também para a nossa construção da nossa identidade docente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios supervisionados na formação docente**: educação básica e educação de jovens e adultos (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2014.

BAGNO, Marcos. Mas o que é mesmo variação linguística? In: **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editoria, 2007, p. 35- 57

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos** – Parecer CEB/CNE Nº 11/2000. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, nº 9.394/96, 20 de dezembro 1996.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretariada Educação Fundamental. **Parâmetro Curriculares Nacionais**: ensino fundamental 3º e 4º ciclos: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O Estágio Supervisionado**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos**: leitura e produção de texto/Marta Durante. Porto Alegre. Grupo A, 1998.144 p.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e propostas**/ José E. Romão (orgs)—12 ed.—São Paulo: Cortez, 2011.

GUEDES, Mariane da Silva. **Educação de jovens e adultos** – EJA [manuscrito] : reflexões sobre a modalidade de ensino / Mariane da Silva Guedes – 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, v.19, jan./dez.1997, p.119-145.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NASCIMENTO, Sanda Mara do. **Educação de jovens e adultos EJA, na Visão de Paulo Freire**. Paranavaí- Paraná: 2013. 45f. Monografia (Especialização em Educação-métodos e técnicas de ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RIBEIRO, Jaciara Batista. **As Estratégias de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos**. Pouso Alegre: 2014. 63f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Sapucaí.

TOLEDO, Laisa R. M.. C. **Estudo do Plano prático de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social – PUC/SP em confronto aos objetivos educacionais.** Dissertação de Mestrado – PUC. São Paulo/SP, 1978.

**Documentos Eletrônicos:**

UEPB. Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). **Regimento Geral das Graduações.** RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/068/2015 - Art.64.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que define este momento. Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me guiado no caminho do bem e por ter me dado sabedoria para chegar até aqui.

À professora Verônica Pessoa, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e incentivo, por ter acreditado em mim e tornar possível à conclusão desse artigo.

Ao meu pai, Euclimar por todo amor e apoio, mesmo não tendo a conhecimento suficiente para entender a vida acadêmica.

A minha mãe Sônia (*in memoriam*) que, embora fisicamente ausente, se fez presente ao meu lado, dando-me força.

Aos professores da UEPB (CAMPUS III), com os quais tive o prazer de aprender quer seja em sala de aulas ou em atividades extracurriculares. Serei sempre grata.

Aos colegas de classe: André Luiz e Priscila Oliveira, pelos momentos de amizade e apoio.

As minhas amigas e companheiras de Curso: Alcilane Belarmino, Conceição Oliveira, Laiane Silva, Gislainy Florêncio, Jaqueline Lima, Ticiane Nunes e Rosilaine Ribeiro, por todos os momentos felizes que pudemos compartilhar, por tornarem mais leves as noites na UEPB, por terem me permitido fazer parte da vida de todas elas. Gratidão.

Agradeço a todos que de forma indireta contribuíram para realização desse sonho.